

PRIMEIRA PÁGINA

A serviço da notícia

Ano 1 - Edição nº 30

Cachoeira Paulista, 5 de junho de 1999

R\$ 0,50

Doutor Darwin, o médico mais consagrado da cidade, morre aos 88 anos depois de longa agonia

Prefeitura Municipal decretou luto oficial nos dias 31 de maio e 1º de junho. Enterro reuniu centenas de pessoas

Por Carlos Varella
Claudia Varella e
Jurandir Rodrigues

Após o fim de Cachoeira, cantado por centenas de pessoas que se aglomeraram em volta de seu túmulo, foi sepultado no cemitério local na terça-feira, dia 1º, o médico Darwin Almoré do Prado. Depois de quatro anos e meio incapacitado numa cadeira de rodas, vítima de derrame cerebral ocorrido em janeiro de 1995, Doutor Darwin faleceu na Santa Casa da cidade dia 31, às 17 horas, aos 88 anos. Segundo o médico José Andrade Cardoso, que o assistiu, a causa mortis foi edema pulmonar. Doutor Darwin estava internado na Santa Casa havia alguns dias.

Centenas de pessoas compareceram ao velório, realizado na residência da família, na rua João Marcondes, e cerca de 500 a 600 pessoas acompanharam o féretro até a necrópole. Antes do sepultamento, o coronel João Lage discursou, enaltecendo a competência, a humildade e o espírito humanitário de Doutor Darwin.

Cidadão

Clinico geral, Doutor Darwin clinicou em seu consultório até a véspera de sofrer o derrame. Era tido na cidade como um médico caridoso, que dava assistência gratuita aos carentes, e de extrema competência.

Em seus discursos, em várias ocasiões, ele proclamou o seu amor por Cachoeira Paulista, sua terra natal. Embora nunca tenha assumido nenhum cargo público, participou de inúmeros movimentos que buscavam trazer melhoramentos para a cidade e fez parte da direção da Santa Casa local.

Presidente da diretoria do Clube Literário três vezes, em sua última gestão (1954/55) Doutor Darwin

Foto Claudia Varella



Enterro de Darwin Almoré do Prado teve o acompanhamento de centenas de pessoas, desde a residência da família até ao cemitério municipal

Iniciou a construção da atual sede do clube, sede que recebeu o seu nome em 1996. Em 1983 o Literário já o havia homenageado como "Cidadão do Ano". Humanista, com ampla formação cultural, Doutor Darwin incentivou os movimentos artístico-culturais da cidade e chegou a escrever uma produção literária que preferiu não deixar publicar.

Luto oficial

Tão logo foi noticiada a morte do médico, o prefeito Ailton Vieira decretou luto oficial por dois dias.

Foto Acervo do Clube Literário e Recreativo de Cachoeira Paulista



Mesmo incapacitado por derrame cerebral, ele manteve lucidez até o fim

EDITORIAL

Morreu um gigante da medicina. Em um consultório modesto, de móveis antigos e revistas velhas, invariavelmente com seu sorriso tímido e uma paciência que parecia inesgotável, Doutor Darwin exercia a medicina com uma competência extraordinária e uma abnegação desmedida. Seus diagnósticos eram sempre precisos e certos. Dizia-se que possuía raios-x nas mãos, tal a exatidão com que diagnosticava os males de seus pacientes, muitas vezes com um simples apalpar de dedos ou apenas auscultando o estetoscópio. Seus principais instrumentos de trabalho eram o conhecimento e a sabedoria.

Nestes tempos mais recentes em que a medicina passou a fragmentar o indivíduo em áreas específicas, e o diagnóstico médico passou a depender cada vez mais de exames de laboratórios, ultra-sons, tomografias, etc., Doutor Darwin resistiu solitário como aquele médico antigo - tão raro hoje em dia - em quem se podia confiar cegamente, aquele médico que conhecia tudo da sua profissão, que às vezes examinava os doentes com uns instrumentos antigos, para ele insubstituíveis, aquele médico que verdadeiramente se doava a seus pacientes, recusando-se a fazer da medicina um comércio.

Esse gigante, que teve a vida consagrada à medicina, com igual intensidade se devotou à sua cidade e ao seu povo, tantas vezes referidos com carinho em suas palavras.

A sua cindadão Doutor Darwin deixa como legado o exemplo de uma profissão exercida cotidianamente com dignidade, respeito, dedicação, humildade e competência inigualáveis. Uma simples lamentação ouvida na rua logo após a notícia de sua morte sintetiza a carência e o desamparo aos cachoeirenses neste momento: "Médico igual ao Doutor Darwin, nunca mais".

Pelo que representou para a cidade e para as gerações que tiveram nele o médico, um amigo e um conselheiro, não é exagero dizer que Doutor Darwin foi o cidadão do século em Cachoeira Paulista.

Doutor Darwin

Nome: Darwin Almoré do Prado
Nascimento: 10 de julho de 1910, na rua Bernardino de Campos, em Cachoeira Paulista

Filiação: Ignácio Rodrigues do Prado e Julieta Pinto Barbosa do Prado. Foi criado pelos tios Agostinho Rodrigues do Prado e Nenê (Maria José Pinto Barbosa).

Formação profissional: fez o curso primário no Grupo Escolar Dr. Evangelista Rodrigues, em Cachoeira, o colegial no Colégio São Joaquim, em Lorena, e formou-se farmacêutico em Pindamonhangaba. Em 1936, formou-se médico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, voltando então para Cachoeira, onde fixou residência e consultório.

Clinico geral, trabalhou em vários hospitais da região e foi por muitos anos diretor-clínico da Santa Casa de Cachoeira. Clinicou até janeiro de 1995, aos 84 anos.

Casamento: Casou-se com Clara Marcondes Ferreira em 30.1.1942.

Filhos: Anamélia, Anistela, Ana Rosa, Darwin e Anamélia. Filhos de criação: Vicente e Benê (Ditinha). Netos: 12

Continuando a série de entrevistas com os ex-prefeitos de Cachoeira Paulista, Primeira Página focaliza esta semana Antônio Benedito Hummel (Didito), que administrou a cidade de 1973 a 1977.

Pág. 4

FARMA 7

Bom atendimento, qualidade, respeito e menor preço.
Farmacêuticos presentes a/ou plantão 24 horas. Descontos de 15% para aposentados, UNIMED, MRS, RACAO e pensionistas.
Descontos especiais que vão de 12% a 30%
Aberta de 2ª a 2ª das 8:00 às 22:00. Vende confitei.
Rua Sete de Setembro, 100 (em frente à Santa Casa)
Fones: 561-2655 - 561-4284 ou 985-5651 (24 h)

REAL DENT
PLANO DE ASSISTÊNCIA ODONTOLÓGICA
SEM CARENÇA
Atendimento em consultório de alto padrão.
A melhor qualidade pelo menor preço.
Venha nos conhecer ou peça visita de um de nossos representantes.
R. João Vieira de Barros Jr., nº 10
Parque Primavera - Cachoeira Paulista
Fones: (012)561-2001

Pizzaria La Spezia

Rodízio de pizzas

Você come à vontade a melhor pizza em forno a lenha e só paga

R\$ 3,49

todas às 5ªs feiras
Fone: 561-1601

Rua Dr. Bernardino de Campos, 504 - Centro

Início da festa do padroeiro atrai grande público à Praça

Dois dedos de prosa

Ruth Guimarães

Dois Fazendeiros

Dois fazendeiros moravam em terras contíguas, tinham suas fazendas limitadas, eram vizinhos próximos, entre o estado de Minas e o estado de São Paulo. Toda gente sabe que o clima do estado de Minas pode-se confiar nele, e que o de São Paulo, além de úmido e frio, é instável. Os fazendeiros instalavam-se nas varandas e conversavam sobre a colheita, o tempo, a família, o colégio das crianças, as vacas leiteiras, tudo numa boa, o paulista e o mineiro, ora na casa de um, ora no casarão de outro.

Houve uma revisão nas divisas, o limite natural foi o ribeirão que passava por trás da fazenda do mineiro, e do dia pra noite ele se mudou para o estado de São Paulo, sendo usado o cômodo processo de ficar no mesmo lugar.

As conversas continuaram, de varanda em varanda. Seis meses depois, o compadre paulista perguntou em tom de brincadeira ao outro, recém-chegado para o mesmo espaço de antes:

- Como é compadre? Está gostando de ser paulista?

E o mineiro, descansado:

- Compadre! Está tudo bem pra mim. Só estranhei um pouco a mudança de clima.

Isto me lembra duas cidades dos estados de São Paulo e Rio, Bananal e Parati.

Bananal fica no fundo do Vale, no fundo, escorregando para o Rio de Janeiro. No sentido figurado e no literal. Dizem ali que um plebiscito daria como resultado um sim firme dos habitantes, se a pergunta fosse o interesse da cidade passar para o estado do Rio. E por isso nos locais demais as notícias de Bananal, ainda mais as que saem nos jornais, sobre as estradas terríveis de acesso a cidade.

O município, a cidade, se sentem abandonados. As estradas vicinais estão esburacadas, o asfalto tem mais ondulações do que as ondas do mar. As pontes estão cal-não-cal, e todos os municípios de tudo se queixam, e tudo quanto querem e precisam vão buscar em Barra Mansa, que é no Estado do Rio.

Criança que chora tem razão. Cidade que grita também tem. Não podemos esquecer que Bananal foi aquela cidade que avulzou um empéssimo para o Brasil, nos seus dias áureos. Agora lá está, melancolicamente, Jerusalém chorando sobre as suas ruínas. Ainda tem os mais belos casarões coloniais do mundo. Mas, patrimônio tombado pelo Estado, em razão da excessiva burocracia e de outros excessos, é patrimônio tombado mesmo. Irá ao chão em breves tempos. A fotografia desses bens imóveis, bens da humanidade, foi até aproveitada para campanhas do Departamento de Preservação do Patrimônio do Vale do Paraíba.

O contrato fraterno e emocional, comercial e econômico de Bananal é com o Rio de Janeiro. Moça de Bananal namora o fúente papagolaba ali de Barra Mansa. O comércio de Barra é que atende as necessidades do bananalanês. E, se querem saber, nós do fundo do Vale (Bananal à parte), estamos de verdade jogados fora pelo governo do Estado de São Paulo.

Essa grifa se repete com a cidade de Parati, que, esta, abandonada como é, pelo Rio de Janeiro, quer vir a pertencer a São Paulo.

Como lá diz o ditado popular: Mudar nem que seja para pior.

Ai estão as populações, em busca de melhor: vamos mudar para São Paulo. Vamos mudar para o Rio de Janeiro. Como na conhecida piada, o que vamos estranhar principalmente é o clima. O resto ficará como está.

Lá como aqui.

Da Redação

Com shows de Klawo, artistas da cidade e do grupo Desjejos, a Festa de Santo Antônio reuniu nos três primeiros dias centenas de pessoas na Praça Prado Filho. Com exceção do primeiro dia, em que o público foi aguçado pelo frio, a festa tem estado lotada.

O início da festa do padroeiro, à 0h de terça-feira, foi marcado por uma salva de tiros, repique dos sinos e apito das locomotivas. O hino de Santo Antônio, que anteriormente era ouvido em toda a cidade, não tem sido executado com som audível.

Policiamento

O comandante da Polícia Militar de Cachoeira Paulista, tenente Elton Luiz Ribeiro, disse que o policiamento para a Festa de Santo Antônio recebeu reforço do Batalhão de Lorena. Até policiais femininas estavam escaladas.

"O reforço policial vem cobrir a festa de Santo Antônio, mas isso não quer dizer que o policiamento no restante da cidade será relaxado. Vamos manter o mesmo esquema de policiamento em toda a cidade", explicou. Ele disse não poder revelar quantos policiais serão deslocados para a festa.

Clique do Leitor

A seção "Clique do Leitor" publicará sempre uma foto da cidade - ou de seus personagens - batida por um leitor. As fotos, de preferência datadas, poderão ser enviadas à redação do jornal, com o nome e o endereço do fotógrafo (amador ou profissional), e serão devolvidas depois de publicadas.



ERA ASSIM... - Início da procissão de Santo Antônio, na festa de 1947 (foto do acervo de Dídito Hummel). Em torno do altar, ao lado de "graciosas mocinhas" (expressão usada pela imprensa da época), hoje senhoras de destaque da sociedade cachoeirense, estão Geraldo Porto Gomes, Jurandir Andrade, Sêbi Milhem Chailta e Antônio Benedito Hummel. Naquele ano a festa começava a ganhar grande proporção.

Como era Festa de Santo Antônio

Por Carlos Varela

Os tempos áureos da Festa de Santo Antônio foram os últimos anos da década de 50 e a primeira metade da década de 60. O 13 de junho era então chamado de "a data magna da cidade" e atraía turistas de toda a região. Os cachoeirenses que residiam fora vinham em massa à cidade nos dias da festa. Havia o que oferecer aos turistas.

Na parte religiosa havia procissões todas as noites, levando a bandeira da cidade até a Igreja matriz, para a reza. Nessas procissões desfilavam fanfarras, andores, banda de música e fléis. Os andores eram verdadeiros carros alegóricos, cheios de luz e cor, que culminavam com o andar de Santo Antônio, sempre o mais trabalhado. Em cada noite apresentavam-se uma fanfarra e uma banda diferentes, vindas de diversas cidades.

As entidades, classes ou bairros homenageados em cada procissão concorriam para ver qual montava o desfile mais deslumbrante (a procissão mais esperada era a do dia 12, dos rodoviários). E as senhoras festeiras aproveitavam para desfilarem nas procissões os seus melhores vestidos, confeccionados especialmente para a data. Não só

as festeiras: toda a população procurava se vestir melhor durante a trezeira. O movimento das lojas, boutiques e costureiras da cidade aumentava consideravelmente no final de maio, todo ano.

Depois da reza, a procissão desfilava imponente: até a Igreja de São Sebastião. Encerrada a procissão, a fanfarra fazia uma exibição mais demorada na avenida e a banda ficava tocando na Praça até tarde. Depois da banda vinha o show de algum artista famoso.

Não é exagero dizer que a cidade inteira vinha para as ruas, todas as noites, para ver o espetáculo.

As ruas por onde as procissões passariam ganhavam postes extras de iluminação, em forma de leque (nas esquinas havia arcos iluminados, de uma calçada a outra). As barraquinhas de alimentação eram exclusivas das entidades beneficentes da cidade e não era preciso a fiscalização da Vigilância Sanitária para se saber que os alimentos eram manipulados com higiene.

O dia da festa

No dia da festa havia celebrações religiosas de manhã à noite, com distribuição dos "pajezinhos de Santo Antônio" à população e de coberter aos carentes. A cidade amanhecia ao som da "Ahorada", tocada algumas vezes por nada

mais, nada menos, que a banda dos Fuzileiros Navais ou da Aman (Academia Militar de Agulhas Negras). A noite a procissão de encerramento percorria as ruas centrais da cidade.

No encerramento da reza do dia 13 vinha a nomeação dos festeiros para o ano seguinte, nomeação que era aguardada pela população com ansiedade e suspense. Somente o padre conhecia os nomes, e os trazia guardados a sete chaves. Ser festeiro de Santo Antônio dava status: havia católico que pedia ou fazia promessa para ser nomeado.

Leilão de gado, sorteio de carros, grupos de danças líricas enviados por consulados, apresentação de orquestras, shows com artistas do primeiro time, parque de diversão, parte esportiva intensa com corridas de canoa, de kart, de pedestres e de bicicleta (esta, com corredores profissionais de todo o país), jogos de basquete, vôlei e futebol, gincanas de bicicleta, motos e até de carro, apresentação de cães amestrados da Polícia Militar, exibição da Esquadriinha da Fumaca, shows infantis, trenzinho nas ruas, exposição de arte e artesanato, fogos de artifício, bailes.

Havia um pouco de tudo isso nas antigas festas de Santo Antônio em Cachoeira Paulista. Menos pão-com-lingüça.

CLASSIFICADOS GRATUITOS

Este espaço é reservado para classificados gratuitos pequenos. Se você quiser vender, comprar ou alugar, ligue para o telefone 561-3966 e faça seu anúncio.

Diversos

- Vender-se uma cama de casal, um berço e uma bicicleta ergométrica. Tratar na rua José Porto Filho, 68 centro.

- Vende-se uma cômoda em ótimo estado. Tratar com Nette. Fone: 561-2323.

- Aluga-se uma vaga de garagem na rua Habron Rodrigues do Prado, 118 (rua do aquegue do Neco). Tratar com Rubinho. Fone: 561-1216.

- Vende-se um telefone celular. Luis ou Helena. Fone: 561-1051.

- Faça salgadinhos sob encomenda. Preço: R\$ 15,00 (cento). Tratar com Wanda. Fone: 561-1981.

- Vender-se um carrinho semiovo de bebê e uma cadeirinha para bebê. Tratar com Claudia. Fone: 561-2375.

- Preciso de revendedoras para produtos Lippeware. Tratar com Tânia na Rua Joana Rossetti, 35 ou pelo fone 561-3185.

Coluna do leitor

"Em relação ao trecho da entrevista de E.édia, em que ela cita o Educandário, compreendemos sua desleitura, mas foi o governo federal que em dois momentos acabou com aquele sonho e aquele ideal: com a extinção dos colégios Internos e com a extinção das Pioneiras Sociais. Os pais de alunos, na época, se reuniram e para preservar a tradição e o nome do Educandário, formaram a APM, que vem mantendo a tradição histórica da escola com 20 alunos em regime de semi-internato, gratuitamente."

José de Godoy Roseira
Diretor do Educandário Luiza Gomes de Lemos

Esta seção acolhe a opinião dos leitores sobre temas relacionados com a cidade. As cartas devem trazer a identificação completa do remetente e serão publicadas a critério do jornal, podendo ter seu texto resumido para publicação.

PRIMEIRA PÁGINA

A serviço da notícia

Uma publicação de Cláudia da Silveira Varela ME
CGC: 02.826.912/0001-42 - Inscrição Municipal 30.795
Av. Coronel Domínguez 140 - sala 1 - Cachoeira Paulista
CEP 12630-000 - Telefone: (012) 561-3966

Jornalista responsável: Ana Lima - MTB 21.114
Editor: Carlos Varela
Colaboradores: Jurandir Rodrigues - Gisele Oliveira
Perchel Pereira da Silva - Ruth Guimarães
Fotos: Claudia Varela e Gisele Oliveira
Diagramação: Thais Varela
Diretora Comercial: Nette Varela de Souza
Impressão: Gráfica Imperial (São José dos Campos)
Tiragem: 2.000 exemplares
✓ Conceitos e opiniões emitidos pelos colaboradores e/ou em nossos artigos assinados não são de responsabilidade do jornal PRIMEIRA PÁGINA. Nossos colaboradores não têm vínculo empregatício com o jornal.
✓ Para denúncia, informação, reclamação ou sugestão de pauta, entre em contato com nossa equipe, desde que devidamente identificado. O contato pode ser feito por telefone, por carta ou pessoalmente.

Promoção Dia dos Namorados

Declare seu amor, em letras garrafais, para sua paixão.

Crie ou escolha uma mensagem de amor e publique na edição nº 31 de Primeira Página, no dia 12 de junho.

Seu (sua) namorado(a) irá amar o presente!!

A pessoa que fizer a mensagem mais criativa irá ganhar uma cesta de café da manhã da Florart's para presentear seu amor



Nós fomos feitos um para o outro.
Quer namorar comigo?



Meu amor é imenso por você.
Te amo tanto...

Para maiores informações, ligue 561-3966

* As mensagens são opcionais. Há outras modalidades de ilustração à sua escolha *

